

# Diversidade nas aulas de educação física das escolas públicas de Araxá-MG

Ricardo José Valeriano<sup>1</sup>  
Cláudio Luiz Neves Júnior<sup>2</sup>

**Resumo:** Diversidade é entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. Podemos identificar ao abordarmos a diversidade na educação, muitos elementos que influenciariam ou se destacariam sobre esse tema: gênero, raça/etnia, idade, cultura, experiências e outros. Esta pesquisa teve como objetivo analisar o que os professores de educação física do ensino fundamental, definem como o conceito de diversidade, e as maneiras que eles adotam para trabalhar com a diversidade. Aplicamos um questionário contendo 9 questões, fechadas e abertas, sobre conceitos e aplicabilidades dos professores em suas práticas ao defrontarem com as diversidades em suas aulas. Participaram 18 professores, dos quais 77% (14 professores) responderam sem apresentar nenhum princípio básico dos conceitos de diversidade. Encontrando assim, dificuldade de se trabalhar com alunos deficientes e “normais” nas aulas de educação física. Verificamos a partir disso que poucos professores sabem definir e aplicar parâmetros de diversidade em suas aulas de educação física.

**Palavras chave:** Diversidade; Educação; Educação Física.

---

**Abstract:** Diversity is understood as the construction historical, cultural and social of the differences. We can identify the addressing diversity in education, many elements that influence or highlight about this theme: gender, race/ethnicity, age, culture, experiences and others. This research had as objective to analyze what the physical education teachers of elementary school, define how the concept of diversity, and the ways that they adopt to work with diversity. We applied a questionnaire containing questions 9, closed and open, on concepts and applications of teachers in their practices when dealing with diversity in their classes. Participated in 18 teachers, of which 77% (14 teachers) responded without presenting any basic principle of diversity concepts. Finding so difficult to work with students with disabilities and “normal” in the physical education classes. We see from this that few teachers know how to define and implement diversity parameters in their physical education classes.

**Keywords:** Diversity; Education; Physical Education.

---

<sup>1</sup> Acadêmico Curso de Educação Física do Uniaraxá - Bolsista PIBIC/FAPEMIG ou PROBIC/UNIARAXÁ – 2012/2013.

<sup>2</sup> Professor Mestre do Curso de Educação Física do Uniaraxá.

## Introdução

Segundo Brasil (2007) a diversidade é entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. Podemos identificar ao abordarmos a diversidade na educação, muitos elementos que influenciariam ou se destacariam ao abordarmos esse tema: gênero, raça/etnia, idade, cultura, experiências, habilidades e outros.

Cada ser tem a sua vida formada por um conjunto de experiências que, ao unindo, constrói sua personalidade. Dentro disso cada aprendizado, vivência, influência, sentimentos e pensamentos contribuem para a construção da individualidade.

Como diz Morin (2001, p. 56) “cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio da cultura”.

As pessoas são influenciadas por estilos e modos de vida diversificados até que acabam criando sua própria cultura, suas visões, concepções e sua história. A escola tem papel importante nessa formação de indivíduos, pois, dentro das escolas nós construímos grande parte dessa vivência e adquirimos grandes experiências que contribuem para a formação do ser.

Sabe-se hoje que o ser humano tem um conjunto de células do sistema nervoso tão particular quanto à impressão digital (PERRENOUD, 2000), o professor deveria trabalhar de forma diferente, procurando conhecer um pouco das diferenças de cada aluno, mas por considerar o corpo somente como entidade biológica, a Educação Física Escolar atua homogeneamente, tendendo à universalização de seus procedimentos metodológicos. O pressuposto é o de que o corpo, sendo um conjunto biológico, responderá sempre da mesma forma, porque os homens possuem corpos muito semelhantes. Isso talvez explique a padronização das aulas de Educação Física. As diferenças entre os alunos, ou não serão percebidas pelo professor, ou serão justificadas como fruto da natureza. Assim, alguns alunos serão considerados como biologicamente bem dotados, e outros, como menos dotados (DAOLIO, 1996).

A questão é que o corpo por mais parecido biologicamente que seja não é igual, e não pode ser dividido de suas estruturas psicológicas e sentimentais. Não é competência dos professores de educação física trabalhar apenas o corpo, mas também os mais diversos aspectos psicomotores, cognitivos, sociais e emocionais do aluno.

Diante da diversidade de culturas é de competência do professor, ter claro os objetivos e resultados que pretendem alcançar com uma atividade para que os alunos tenham as mesmas oportunidades, mas com estratégias diferentes. O trabalho diversificado envolve atividades realizadas em grupos ou individualmente previamente planejadas ou de livre escolha por aluno e/ou professor. Salientando, que diversificar não significa formar grupos homogêneos com as mesmas dificuldades, mas a diversidade existente no grupo favorecerá a troca de experiência e o crescimento de cada um (PAIM; FRIGÉRIO, 2004).

Os professores devem entender que a construção do aluno ocorrida pelas vivências da escola, passa dos muros da escola, e parte para a vida social de cada um ganhando forças a medida que o aluno é estimulado pelo meio que vive. Nes-

se fator a educação física vem para somar conhecimentos e estímulos de práticas corporais desse aluno dentro e fora dos muros da escola. Por isso, a educação física deve abordar todos os alunos de forma que cada um possa aprender somando o aprendizado com suas experiências do dia-a-dia.

A Educação Física Plural deve abarcar todas as formas da chamada cultura corporal - jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas - e, ao mesmo tempo, deve abranger todos os alunos. Obviamente, que seu objetivo não será a aptidão física dos alunos, nem a busca de um melhor rendimento esportivo. Os elementos da cultura corporal serão tratados como conhecimentos a serem sistematizados e reconstruídos pelos alunos (DAOLIO, 1996).

Mas a educação física nem sempre abrange todos os alunos, por falta de planejamento, as aulas tendem a divisão dos alunos em vários aspectos como sexo, diferença de habilidade motora, diferença cultural de práticas esportivas, evitando assim as trocas de conhecimentos entre os alunos, e atrapalhando a vivência de outras práticas culturais esportivas.

As diferenças tornam-se problemas ao invés de oportunidades para produzir saberes em diferentes níveis de aprendizagens. A escola é o lugar em que todos os alunos devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagens diferentes (PAIM; FRIGÉRIO, 2004). Com isso poderia se trabalhar os mais diversificados valores sociais, como respeito, companheirismo, ética, e para promover uma sociedade que aceite e valorize as diferenças individuais, aprenda a conviver dentro da diversidade humana, através da compreensão e da cooperação (CIDADE e FREITAS, 1997).

De acordo com Carvalho (1998) e Oliveira; Poker (2002), o paradigma da escola inclusiva pressupõe, conceitualmente, uma educação apropriada e de qualidade dada conjuntamente para todos os alunos – considerados dentro dos padrões da normalidade com os alunos com necessidades educacionais especiais nas classes do ensino comum, da escola regular, onde deve ser desenvolvido um trabalho pedagógico que sirva a todos os alunos, indiscriminadamente. Sendo assim, o ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos, independente de seu talento, deficiência (sensorial, física ou cognitiva), origem sócio econômica, étnica ou cultural.

Com base nessa visão, a cultura desportiva e competitiva, historicamente dominante nas propostas curriculares da Educação Física, pode criar resistências à inclusão de pessoas que são encaradas como menos capazes para um bom desempenho numa competição. Muitas das proposições de atividades feitas em Educação Física, realizadas na base da cultura competitiva, podem ser observadas nas escolas. A prática desportiva, quando usada sem os princípios da inclusão, é uma atividade que não favorece a cooperação, que não valoriza a diversidade e que pode gerar sentimentos de insatisfação e de frustração. Essa cultura competitiva constitui uma fonte de exclusão e pode se consistir numa barreira à educação inclusiva (AGUIAR; DUARTE, 2005) o que não está mais sujeito aos objetivos e concepções da escola nos tempos de hoje.

## Educação Física Escolar

Segundo Betti (2002), Educação física é uma expressão que surge no século XVIII, em obras de filósofos preocupados com a educação. A formação da criança e do jovem passa a ser concebida como uma educação integral – corpo, mente e espírito – como desenvolvimento pleno da personalidade. A educação física vem somar-se à educação intelectual e à educação moral.

Ao longo do tempo a educação física vem primeiramente trabalhando o corpo de forma separada, com o passar do tempo notou-se que para se ter uma educação corporal de qualidade, ou seja, um bom desenvolvimento corporal, também era preciso ter uma mente que trabalhasse junto com esse corpo, os dois teriam que estar em equilíbrio.

A tradição racionalista ocidental tornou possível falar confortavelmente da possibilidade de uma educação intelectual, por um lado, e de uma educação física ou corporal, por outro, quando não de uma terceira educação, a moral (BRACHT, 1999).

A cultura corporal de movimento tende a ser socialmente partilhada, quer como prática ativa ou simples informação. Tal valorização social das práticas corporais de movimento legitimou o aparecimento da investigação científica e filosófica em torno do exercício, da atividade física, da motricidade, ou do homem em movimento (BETTI; ZULIANI, 2002).

A partir dos anos 1960, na Europa e Estados Unidos e em meados da década de 1980 no Brasil, a Educação Física passa a constituir-se, nas universidades, como uma área acadêmica organizada em torno da produção e sistematização desses conhecimentos. Essa situação gera um questionamento da atual prática pedagógica da Educação Física escolar por parte dos próprios alunos que, não vendo mais significado na disciplina, desinteressam-se e forçam situações de dispensa. Contudo, valorizam muito as práticas corporais realizadas fora da escola. O fenômeno é mais agudo no Ensino Médio (antigo 2º grau), no qual, desconsiderando as mudanças psicossociais por que passam os adolescentes, a Educação Física preserva um modelo pedagógico concebido para o Ensino Fundamental (antigo 1º grau) (BETTI; ZULIANI, 2002).

Assim, o nascimento da Educação Física se deu, por um lado, para cumprir a função de colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, ou melhor, com uma educação estética (BRACHT, 1999).

Outro fator que veio contribuir mais tarde foi a esportivização, em que essa prática corporal, a esportiva, está desde cedo muito fortemente orientada pelos princípios da concorrência e do rendimento (RIGAUER, 1969).

Treinamento esportivo e ginástica, promovem a aptidão física e suas consequências como a saúde e a capacidade de trabalho/rendimento individual e social, objetivos da política do corpo. A ginástica é parte importante do movimento médico-social do higienismo (SOARES, 1997), observando assim, que a Educação Física vem sempre evoluindo de acordo com os estudos que vem sendo comprovados sobre o corpo humano.

A Educação Física possui uma tradição técnico-pedagógica de pelo menos um século e meio em estratégias de ensino nos campos da ginástica, recreação, esporte e atividades rítmicas e expressivas como autotestagem ou conteste, jogos de competição e cooperação, sequências pedagógicas, demonstração, descobrimento guiado, resolução de problemas, jogos de mímica e expressão corporal, grandes jogos, jogos simbólicos, jogos rítmicos, exercícios em duplas, trios, grupos, com e sem material, circuito, aulas com música, aulas historiadas, jogos pré-desportivos, gincanas, campeonatos, festivais. É oportuno observar que na Educação Física não há delimitação clara entre conteúdos e estratégias, muitas vezes, eles se confundem (BETTI; ZULIANI, 2002).

A conscientização da importância da educação física para os alunos deve partir dos professores e gestores da escola, incentivando e demonstrando a importância dessa prática. No ensino médio, principalmente, a educação física deve ser inovada, colocando os interesses dos alunos dentro das aulas. Nessa faixa etária os alunos buscam práticas corporais voltadas para uma modelagem corporal, estética, um assunto que seria bem abordado nas aulas de educação física.

O corpo foi alvo de estudos nos séculos XVIII e XIX, fundamentalmente das ciências biológicas. A visão mecanicista trabalhou o corpo humano de forma a se querer igualar todos, não respeitando os fatores de diferenças biológicas, psicológicas, morais e sentimentais dos seres humanos, ou seja, a diversidade humana que contribui com os resultados de desenvolvimento desta “máquina”.

### **Estudo de campo**

Foi realizado um estudo que é caracterizado como trabalho de campo, com abordagem quali quantitativa de análise descritiva.

De 30 (trinta) professores de Educação Física das escolas públicas estaduais dos anos finais do ensino fundamental da zona urbana da Cidade de Araxá-MG e que trabalham no mínimo há 1 ano, participaram desse estudo 18 (dezoito = n) profissionais, representando 60% da população.

Primeiramente foi apresentado aos diretores das Instituições, escolas, uma carta de apresentação e autorização para realização da pesquisa, solicitando a realização dessa pesquisa na Instituição em que administra.

Os sujeitos, professores de educação física, que concordaram em participar, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido declarando que estavam cientes dos objetivos desse estudo, autorizando e permitindo a coleta de dados e sua utilização na pesquisa e posterior divulgação.

Os professores foram procurados em seus horários de aula para que pudesse ser agendada uma data para a realização da entrevista em horários que eles estivessem disponíveis.

O Instrumento de pesquisa deste trabalho foi um questionário semiestruturado com nove perguntas abertas e fechadas buscando responder os objetivos propostos do estudo.

A coleta de dados dessa pesquisa foi realizada nos meses de agosto a outubro de 2012.

Os dados coletados foram analisados com estatística descritiva simples com valores absolutos, devido à pequena amostra desse estudo. Os resultados foram representados em tabelas.

O estudo estatístico é descritivo, com abordagem quali quantitativa, não paramétrico, tendo em vista que na pesquisa não houve nenhuma manipulação para a seleção da amostra de informantes e também não houve grupo controle.

Para análise da abordagem qualitativa utilizamos a análise de conteúdo, separando as respostas que se enquadravam no estudo e as respostas que não se enquadravam para discutirmos sobre a diversidade nas aulas de Educação Física.

A intenção do estudo foi verificar se os professores de educação física dominam o conceito de diversidade e os usam como ferramenta de trabalho no dia-a-dia de suas aulas. A elaboração do questionário teve base nos estudos do PCN, LDB e de outros vários artigos abordando o tema.

### **Resultados e discussão**

A análise das respostas foi realizada visando a consecução dos objetivos do estudo, sendo feita uma análise quantitativa e qualitativa das respostas obtidas.

Os professores disseram não ter nenhuma dúvida em relação às perguntas do questionário, sem maiores problemas para a coleta de dados.

Questionamos aos professores sobre terem cursado algum curso de pós graduação, pois lecionar exige aperfeiçoamento constante por parte dos docentes.

Foi possível verificar que 38,8% são apenas graduados no curso de Educação Física, já 61,2% são graduados e especializados na área.

Acreditamos que a pós-graduação é muito importância na formação de um acadêmico, pois oferece para os alunos um conhecimento aprofundado do que já foi visto ou não na sua graduação, pois oferece maiores condições de desenvolvimento e atuação no mercado de trabalho (GOMES, 2012). Na educação física, muitos professores não têm o domínio de trabalhar a diversidade em suas aulas, por isso a especialização é importante para que o professor possa ser mais bem preparado para abordar esses temas em suas aulas.

Segundo Balbachevsk (2005) a Pós-Graduação brasileira está entre as mais importantes do mundo. Além de sua grande abrangência, ela impressiona pela sua qualidade e desde o final dos anos 60, vem sendo submetida a um conjunto consistente de políticas a fim de ampliar seu crescimento sem perder a qualidade.

Na questão 2 do questionário observamos que 7 dos 18 participantes (38,9%) tinham mais de 10 anos de atuação na escola, 27,7% dos participantes tinham entre 5 e 10 anos de experiência nas escolas, e 33,4% atuavam na escola a menos de 5 anos. Esse questionamento foi feito partindo do proposto que não só a formação do docente é importante, mas também as suas experiências de trabalho do dia-a-dia que contam como grande aprendizado.

Buscando atingir ao objetivo deste estudo, a abordagem do termo diversidade cultural torna-se um tema atual e relevante a partir do momento

em que a escola desenvolve um ensino que procura atender a diversidade cultural de sua clientela, sem exceção dos mais sensíveis aos mais pragmáticos, dos mais competitivos aos mais colaborativos, dos mais lentos aos mais rápidos, dos vindos de famílias estruturadas e aos de lares desestruturados (PAIM; FRIGÉRIO, 2004).

A partir disso investigamos como os professores de educação física definiam o conceito de diversidade, e se esse conceito estava condizente com os conceitos apresentados nos parâmetros curriculares nacionais - PCN's (BRASIL, 2002). Obtivemos os seguintes resultados: 14 (quatorze) professores (77,7%) responderam, sem apresentar nenhum princípio básico, que caracterizam o paradigma conceitual da diversidade, fato que nos leva a dizer que apenas 22,3% têm o domínio do conceito de diversidade. Isso nos mostra como esses conceitos importantes são pouco divulgados e trabalhados no âmbito escolar. Desses, 22,3% dos professores emitiram respostas de acordo com os conceitos de diversidade apresentados nos PCN's. Vejamos algumas das respostas, numerados aleatoriamente:

(P. 4) 1° “... diversidade é compreendida por mim tanto em relação as habilidades físicas, como cognitivas, sociais, culturais e emocionais, sendo bem ampla”.

**O que engloba os mais diversos sentidos e diferenças entre os seres humanos.**

(P. 9) 2° “... sexo, cultura, educação, estado psicológico momentâneo, além das deficiências e estado físico”.

Podemos identificar ao abordarmos a diversidade na educação, muitos elementos que influenciariam ou se destacariam ao abordarmos esse tema, como gênero, raça/etnia, idades, culturas, experiências e outros. É muito importante que os professores de Educação Física, como os de outras disciplinas, conheçam e trabalhem esse tema em suas aulas, pois sabendo que cada aluno é diferente, o professor terá diversas maneiras de ajudar no desenvolvimento de cada um.

Solicitamos aos entrevistados que enumerassem as maiores e menores dificuldades no bom andamento das aulas de Educação Física, sendo 1 a maior dificuldade e 6 a menor dificuldade em se tratando de diversidade.

Observamos que 50% dos entrevistados apontam que a maior dificuldade que se tem quanto a diversidade nas aulas de Educação Física, é trabalhar com alunos deficientes e alunos normais na mesma aula. Já 38,8% apontam como maior dificuldade, trabalhar com meninos e meninas na mesma aula, e 11,2% marcaram apenas a própria “diversidade cultural”.

Para Cidade e Freitas (1997), a Educação Física Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de graduação através da Resolução 3/87 do Conselho Federal de Educação, que prevê a atuação do professor de Educação Física com o portador de deficiência e outras necessidades especiais. Diante desta legislação, sabemos que muitos professores de Educação Física que atuam nas escolas, não

receberam em sua formação os conteúdos relativos à Educação Física Adaptada ou a Inclusão, o que justifica a dificuldade dos professores ao se trabalhar com deficientes em suas aulas.

Como diz Edler Carvalho (1998), todos, sem exceção, devem participar da vida acadêmica, em escolas ditas comuns e nas classes ditas regulares onde deve ser desenvolvido o trabalho pedagógico que sirva a todos, indiscriminadamente, o que nos leva a crer que o professor de educação física precisa melhorar a sua prática no que se refere às aulas com alunos deficientes.

As dificuldades que foram apontadas pelos próprios professores pesquisados justificam as respostas obtidas em nossa primeira questão, sobre a importância de se cursar uma pós-graduação. Este resultado confirma a necessidade de que os atuais cursos de Educação Física tenham currículos de formação voltados para a abordagem da diversidade em suas formas mais complexas, como por exemplo, turmas com alunos que apresentam deficiências.

Identificamos entre os participantes desse estudo que 66,6% apontam que a menor dificuldade para o andamento das aulas de Educação Física é a questão dos alunos de raças e etnias diferentes, 27,7%, os alunos de crenças religiosas diferentes, e 5,7%, a questão de alunos habilidosos e alunos com pouca habilidade motora.

Questionamos os professores sobre as metodologias que eles utilizam com a turma para superar as dificuldades de aprendizagem que se apresentam por causa da diversidade. De todos entrevistados 16,6% apresentaram respostas vagas, do tipo:

- (P. 14) “... *conhecimento aplicado*”;  
(P. 03) “... *ensinando os de maior dificuldade*”.

83,4% apresentaram respostas mais fundamentadas como:

- (P. 04) “... *dando atenção de forma mais adequada ao aluno, não é possível tratar todos os alunos da mesma forma, pois as necessidades são diferentes, também não incentivando o alto rendimento em aulas de educação física escolar*”.

Observamos que este professor aplica bem o conceito de diversidade quando diz que “as necessidades são diferentes” e ao ajudar os alunos com maiores dificuldades, o professor abre o leque para que todos os alunos possam ter um desenvolvimento de qualidade nas suas aulas.

Outro professor diz:

- (P. 10) “... *procuro superar as dificuldades deles, não considerando como possibilidade de aprendizagem somente as práticas tradicionais, mas, também utilizo metodologias que levem em conta outras competências e capacidades dos alunos.*”



Assim, a educação física deixa as práticas tradicionais dos esportes de exercícios físicos e passa a ter ensinamentos culturais, morais e éticos.

A educação física não pode ser sistematizada, como se todos os alunos fossem iguais e tivessem as mesmas capacidades, o professor deve buscar conhecer a realidade, conhecer o mundo de cada aluno dentro da sua sala de aula, assim, adaptando os métodos para abranger a todos (DAOLIO, 1996.).

Nascimento (2000) ressalta o fato das várias proposições metodológicas, denominadas de tendências pedagógicas, serem construídas ao longo do processo histórico brasileiro e possuírem estreita relação com o contexto político, econômico e social de cada época, ou seja, elas transpõem essas características em seus aspectos didático-pedagógicos.

Investigamos quais seriam os fatores que os professores apontavam como sendo os principais problemas para se trabalhar com essa diversidade de alunos nas aulas de educação física. Nesta questão obtivemos uma grande variedade de repostas: 11,1% dos professores entrevistados apontaram dominar os conceitos de diversidade e suas dificuldades, nos chamando a atenção a seguinte resposta:

(P. 10) “... penso que, pela minha vivência, o que mais dificulta são as diferenças culturais e educacionais em relação a educação familiar, educação básica.”

A educação familiar vem sendo problema nas escolas, pois muitos pais não dão a atenção necessária aos filhos, achando que a missão de educar é basicamente da escola.

Entre os entrevistados, 50% apresentaram respostas que apontam ou focam na ação do professor:

(P. 11) “... falta de preparo do professor de educação física”;  
(P. 03) “... má qualificação do profissional da área da educação”;  
(P. 13) “a falta de comprometimento do professor”.

Este resultado aponta que o fator que mais contribui para que a diversidade seja um problema, é a falta de preparo do professor. Já 33,3% destacaram as instituições e apoio financeiro:

(P. 17) “... nesta escola o apoio para Ed. Física é limitado, pois não temos material didático, o espaço não possui limpeza adequada e na ausência de outros professores os alunos dividem o espaço conosco.”

Constatamos assim, que são várias as dificuldades encontradas pelos professores para ministrarem boas aulas de educação física nas escolas.

Outro fator que preocupa são as diferenças de habilidades dos alunos, pois, são diversificadas as vivências que as crianças têm no ambiente dentro e fora da escola, em aulas de educação física, escolinhas de esportes, brincadeiras de rua entre outras, o que resulta diretamente nos níveis de desenvolvimento motor. A

diversidade entre alunos muito habilidosos e aqueles com pouca habilidade dentro de uma mesma turma, traz dificuldade para o professor criar atividades que consigam incluir todos os alunos, de forma que todos tenham uma boa aprendizagem. As diferenças entre os alunos são percebidas pelo professor, ou serão justificadas como fruto de sua natureza e, alguns alunos serão considerados como biologicamente bem dotados, e outros, como menos dotados (DAOLIO, 1996). Diante disso, procuramos saber como os professores trabalham com esta questão nas aulas.

De todos entrevistados, 5,5% apresentaram resposta semelhante a dividir os alunos em suas aulas pelo nível que os alunos apresentam:

(P.02) “... *separação por nível de aprendizado.*”

94,5% destacaram respostas onde os professores buscam criar soluções onde os mais habilidosos tentam auxiliar de alguma forma os alunos menos habilidosos:

(P. 10) “... *partimos do princípio que todos têm os mesmos direitos de participação e utilizamos os mais habilidosos como monitores e incentivadoras para os mais fracos*” ;

(P. 04) “...*bom senso e planejamento para que a aula seja importante e desafiadora para ambos, [...] em alguns momentos trabalhar com grupos onde os que tem mais habilidade possam ajudar no processo de aprendizagem dos menos habilidosos.*”

É de grande importância o professor intervir nesse processo de habilidade, onde os menos habilidosos podem se sentir desmotivados, ou até desistirem de participar das aulas. Nestes processos o professor deveria separar os mais habilidosos a fim de levá-los a equipes mais representativas das escolas ou até fora delas, o que nos faz compreender porque um professor de Educação Física é valorizado na medida em que sua equipe vença campeonatos ou pelo número de talentos esportivos que ele descobriu. Mas essa tradição cultural, no entanto, tem se mostrado perversa para um grande contingente de alunos, que ficaram excluídos das aulas, em nome de uma excelência motora que só alguns são capazes (DAOLIO, 1996.).

Um dos problemas da educação de hoje é a grande falta de motivação dos alunos perante a escola, muitos alunos têm problemas familiares, e às vezes a própria família não o incentiva para o estudo. Abordamos esta questão com o intuito de saber como o professor age quando a turma não demonstra interesse pelas aulas de educação física e tivemos as seguintes respostas: 16,6% dos entrevistados disseram não ter problemas com falta de interesse das turmas. Os outros 83,4% apresentaram diversos problemas nas aulas e na instituição, dentre esses destacamos algumas respostas:

(P. 13) “... *penso que se os alunos não demonstram interesse é falta de motivação do professor; porém, quando as aulas acontecem no mesmo tur-*

*no (horário) das demais aulas, muitos alunos se sentem desmotivados por não quererem transpirar, sujar o uniforme, etc... acredito que se as aulas fossem extra turno a participação dos alunos seria maior.”*

A motivação deve partir de cada aluno, o professor pode dar um incentivo, mas as aulas extra turno podem ser dificultadas por outras práticas dos alunos no dia a dia fora da escola, como trabalho, cursos, transporte e etc.

(P. 03) “[...] *procuro sempre conscientizá-los da importância da atividade física: dinâmicas, seminários e palestras*”, “[...] *planejar metodologias para que a aula possa ser mais interessante o possível, trabalhando também com o princípio da diversão na aulas.*”

Vários alunos veem a educação física como um momento de lazer, de diversão, em que saem de dentro das salas de aula fechadas e vão para uma aula dinâmica. Então porque não usar essa visão como um fator que poderá ajudar na motivação dos alunos para participar das aulas de educação física?

### **Considerações Finais**

Fala-se muito em trabalhar a diversidade, mas, na prática, a comunidade e a escola ainda não dominam este tema de modo eficaz, não sabem como realizar esse trabalho. De acordo com os resultados encontrados 77% dos professores de educação física não sabem conceituar a diversidade em seus mais diversos significados, o que resulta em falhas ao se trabalhar com as diferenças dentro do ambiente escolar. As diferenças sociais, morais e físicas são grandes dentro da escola, e o professor precisa trabalhar a fim de que todos os alunos possam se desenvolver dentro de suas diferenças e capacidades.

Verificamos que os professores encontram várias dificuldades no trabalho cotidiano com as diversas turmas em que atuam, como alunos com deficiência, turmas mistas e grandes diferenças culturais. Verificamos também que alguns tentam adotar metodologias de trabalho dando mais atenção aos alunos com maiores necessidades.

No que diz respeito às dificuldades dos professores trabalharem com a diversidade dos alunos mais habilidosos e os alunos de pouca habilidade, os professores mostraram adotar diferentes métodos, partindo do princípio que a diferença de habilidade seja um ponto positivo, pois esses alunos mais habilidosos podem auxiliar os menos habilidosos, e essa constatação se mostra como um importante método de trabalho, ou seja, incluir através da cooperação. Também o planejamento das aulas através de metodologias desafiadoras para todos os alunos é uma excelente estratégia de aprendizagem em meio à diversidade.

Assim, podemos dizer que a educação física escolar deve ser repensada e estudada para que seus profissionais possam ser devidamente capacitados e possam efetivamente contribuir para uma educação onde todos tenham os mesmos direitos de participar, se expressar e aprender. Aprender com suas especificidades e mais ainda, com suas diferenças.

## Referências

- AGUIAR, J. S. **Educação Inclusiva: Jogos para o Ensino de Conceitos**. Campinas: Papirus Editora, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1977.
- BALBACHEVSKI, Elizabeth. A Pós Graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem sucedida. In: Brock. C.; SCHWARTZMAN, S. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- BARRETO, A.M.R.F. Educação infantil no Brasil: desafios colocados. **Caderno CEDES: Grandes políticas para os pequenos: educação infantil**, n.37, p.7-21, 1995.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **REMEFE: Revista Mackenzie de educação física e esporte**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 73-82, jan./dez. 2002.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2002. 244 p.
- BRASIL. MEC. LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LEI nº 9394** de 20 de dezembro de 1996, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, 1996.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Caderno CEDES: Corpo e Educação**, n.48, p.69-88, 1999.
- CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de deficiência**. Uberlândia, 1997.
- \_\_\_\_\_. **INDAGAÇÕES SOBRE CURRÍCULO: diversidade e currículo**. Brasília, 2007, 48p.
- DAÓLIO, J. Educação Física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, n. 2, p 40-42, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Da cultura do corpo**. Campinas, Papirus, 1995
- EDLER CARVALHO, R. **Temas em Educação Especial**. Rio de Janeiro: WVA Ed., 1998.
- GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J., orgs. **O ensino dos jogos desportivos**. 2. ed. Porto, Universidade do Porto, 1995.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995. 207p.
- GOMES, B. R. G. **Educação física escolar: inclusão, equidade e competição - conceitos e ações**. 2012.18 f. (Trabalho de conclusão de curso – Centro Universitário do Planalto de Araxá, Araxá, 2012).
- Evidência, Araxá, v. 10, n. 10, p. 61-74, 2014

GUERRA, I. C. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso.** São João de Estoril- Portugal: Príncipeia, 2006.

GUIMARÃES, A.; PELLINI C. F.; ARAUJO R. S. J.; MAZZINI, M. J. Educação Física escolar: atitudes e valores. **Motriz**, jan./jun. 2001, v. 7, n. 1, p. 17-22, 2001.

KUNZ, E. **Transformação didático pedagógica do esporte.** 4. ed. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2001.

MELO, V.A. de. **História da Educação Física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas.** São Paulo: Ibrasa, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, V. C. do. **Estudo de verificação de índice de acordo sobre indicadores didático-pedagógicos.** (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 2000.

OLIVEIRA, Ivone Boechat de. **Por uma escola humana.** 3. ed. Brasília/DF, 1997.

PAIM, E. R.; FRIGÉRIO, N. A. **O desafio de trabalhar a diversidade cultural na escola.** Universo Acadêmico: Nova Venécia – ES, n.5, p. 15-28, jan./jun. 2004.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada: das intenções às ações.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

RIGAUER, B. **Sport und Arbeit.** Frankfurt: Shuskamp, 1969.

SOARES, C.L. **“Imagens do corpo ‘educado’? Um olhar sobre a ginástica no século XIX”.** In: FERREIRA NETO, A. (org.). Pesquisa histórica na educação física. Vitória: CEFD/Ufes, 1997, pp. 5-32.

SOUSA, E.S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Caderno CEDES: Corpo e Educação**, n.48, p.52-68, 1999.

TANI, G. et al. **Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 13. ed. São Paulo. Cortez, 2004.

## Tabelas

**Tabela 1:** Formação Acadêmica (Araxá, 2012)

Formação Acadêmica	Nº	%
Apenas Graduação	7	38,8%
Graduação e Especialização	11	61,2%
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>

**Tabela 2:** Tempo de atuação na área escolar (Araxá, 2012)

Tempo de Atuação	Nº	%
Ate 5 anos	6	33,4%
Entre 5 e 10 anos	5	27,7%
Mais de 10 anos	7	38,9%
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>

**Tabela 3:** Maiores dificuldades de trabalhar com a diversidade na escola.

Maior Dificuldade	Nº	%
Alunos Deficientes	9	50%
Aulas Mistas (meninos e meninas)	7	38,8%
Outros	2	11,2%
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>

**Tabela 4:** Menores dificuldades de trabalhar com a diversidade na escola.

Menor Dificuldade	Nº	%
Etnias Diferentes	12	66,6%
Crenças Religiosas Diferentes	5	27,7%
Outros	1	5,7%
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>

**Tabela 5:** Principais problemas de se trabalhar com a diversidade.

Fator Problema	Nº	%
Falta de preparação do professor	9	50%
Instituição e apoio financeiro	6	33,3%
Diferença cultural e educacional	2	11,1%
Motivação	1	5,6%
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100%</b>

1 - Ricardo José Valeriano: <http://lattes.cnpq.br/7259893199341718>

2 - Cláudio Luiz Neves Júnior: <http://lattes.cnpq.br/3318302365515234>